POKER FACE

Glaucia Pereira

Autor: Glaucia Pereira

Capa: Pamella Mendes

Revisão: Ana Paula Anderson/ Glaucia Pereira

ISBN:

Ano: 2013/2014.

Para minha mãe.

SUMÁRIO

A PRIMEIRA IMPRESSÃO - 9

UMA SEGUNDA CHANCE - 62

A HORA DA VERDADE - 81

TIME EM CAMPO - 121

REFORÇO - 146

ORIGEM – 172

O DESPERTAR DE UM PESADELO 217

SOB NOVO COMANDO: POR BEATRIZ MENDES - 254

POR LUCIANO MENDES - 265

UMA NOVA ÓTICA: ANDRÉ RIZZI - 273

UM DÉJÀ VU PARA HAYDEN SULLIVAN - 282

HORA DE ACORDAR, CRISTINA! - 304

HAYDEN SULLIVAN, E SEUS BRINQUEDINHOS - 312

A ESTRATÉGIA DE BEATRIZ - 316

O RESGATE: POR CRISTINA BATISTA - 323

UMA PAUSA OBRIGATÓRIA: POR BEATRIZ MENDES - 331

QUANDO O PASSADO BATE A SUA PORTA: POR CRISTINA BATISTA - 336

UM INVENTÁRIO E ALGUMAS REVELAÇÕES - 365

ALGUNS DIAS DE FÉRIAS E UM RECOMEÇO - 377

A PRIMEIRA IMPRESSÃO

Acordo sobressaltada pelo pesadelo, mas não me recordo de nada. Não sei nem mesmo o meu nome. Tudo que sinto é o desespero deixado pelo sonho ruim, o suor frio, e o grito preso na garganta. À medida que meu coração se acalma eu me lembro quem sou: Cristina Batista, filha do doutor Ricardo Batista, oncologista de renome, primeiro nome na lista dos pacientes em todo o país - isto é, para aqueles que podem pagar, claro! - Sinto um gosto amargo já conhecido, é o desgosto sobre minha história. Meu pai não foi sempre assim, ele costumava ser um homem bom e honrado, eu sei que sou a responsável pela sua mudança.

Levanto da cama e vou ao banheiro para lavar o rosto. Fico encarando meu reflexo no espelho. Tenho a pele morena, cabelos castanhos escuros e traços marcantes, costumo dizer que tudo no meu rosto é grande: nariz, boca, olhos. Não sou a rainha da beleza, mas também não assusto ninguém. Mesmo com a minha pele jambo, sou meio pálida, palidez de escritório.

Vou à cozinha buscar um copo d'água, tudo silêncioso. Esta é a minha hora favorita: 3h! Enquanto bebo minha água penso em todas as histórias de terror lidas e filmes assistidos, existe sempre a coincidência do horário, sempre entre 3h, 3h15, 3h30.

Um barulho estrondoso me tira do devaneio, como se algo tivesse sido jogado no chão, mas isso não me assusta, ao chegar à sala encontro o vaso no chão ainda rolando com uma trilha de água e margaridas, minhas flores favoritas, claro que os meus gatos são os responsáveis pela bagunça. Irineu e Nair são irmãos, e foram adotados já adultos, há 5 anos. Agora eles estão com 8 anos, mas isso não os tornou mais comportados. Olho a bagunça e dou um sorriso, não adianta, eles são incorrigíveis. Enquanto limpo a bagunça tento lembrar do sonho, o pânico já se dissipou, mas a sensação de familiaridade com aquela agonia não. E nada acontece! Eu não me recordo do sonho, então resolvo voltar a dormir, pois terei de levantar daqui a poucas horas para iniciar meu dia.

Acordo as 6h, e a gata Nair está deitada na lateral do meu corpo, tiro-a com cuidado, me visto pondo calça leasing e camiseta regata, ao chegar à cozinha tomo meu café da manhã, iogurte zero, torrada com ricota e um café preto para acordar de vez. Vou direto para academia a duas quadras de casa, retorno às 8h, tomo banho, me arrumo e vou para agência de publicidade onde trabalho a três estações de metrô de distância. No caminho mantenho minha rotina, penso que preciso sair da casa do meu pai. Em seguida me lembro de tudo que me faz permanecer lá, tudo isso em apenas 5 minutos.

Trabalho na agência Premium, localizada na Avenida Paulista, um dos principais polos de negócios da cidade de São Paulo, a mais importante capital do Brasil.

Ao atravessar as portas de vidro cumprimento Andréia, a linda loira que trabalha na recepção. Ela me diz que o diretor de criação está na minha sala há 15 minutos. Solto um suspiro imaginando que o dia não será bom:

- Bom dia André, tudo bem?

- Olá Cristina, na verdade não. Não recebi o orçamento de material para campanha de fidelização dos cimentos Souza.

- Sinto muito, posso re-enviá-los agora mesmo.

- Por favor, faça isso... e, Cristina? Espero que isto não se repita, sim? Eu precisava desta informação ontem.

- Claro André, por gentileza, você pode me informar quando não receber algo solicitado? O e-mail foi passado ontem à tarde e supus que havia recebido porque houve a confirmação de entrega, mas acredito que estes programas não são 100% seguros. Da próxima vez te dou uma ligadinha pra confirmar!

André faz uma cara de constrangido, mas se recupera rapidamente.

- Combinado Cristina, estou na minha sala, pode checar com a equipe e me passar o status atual dos *jobs* antes do almoço?

- Pode deixar André, assim que conseguir falar com toda equipe eu te atualizo sobre os *jobs*.

- Combinado! – André voltou para sua sala sem graça, ele sabe que deu um fora. Só queria pegar no meu pé, por algum motivo que não entendo, a minha existência parece incomodá-lo. Droga! Tenho que melhorar a minha imagem com esse cara. Não posso perder esse emprego.

O dia passou rápido, é sempre assim na agência, quando olho novamente já são 18h30, eu deveria ter saído há 30 minutos, mas não sou a única ainda ali, quando estou chegando à porta de vidro da recepção já vazia encontro André, ele parece que gostaria de encontrar um buraco para se enfiar dentro, está muito constrangido.

- Boa noite André, bom fim de semana pra você.

- Cristina... – silêncio – Queria pedir desculpas por hoje de manhã, acho que fui meio grosso com você.

- Não se preocupe, eu não sou de vidro...

- Ainda assim eu quero me desculpar, eu recebi seu e-mail com o arquivo e apaguei sem perceber, foi uma falha minha, não tem desculpas, a nossa correria

diária não pode ser usada como desculpa para ser grosseiro com os outros.

- Relaxa. Tá tudo certo, ok? – Abro um sorriso simpático, preciso aproveitar a oportunidade.

- Posso te dar uma carona?

- Hum, sinceramente? Vou chegar mais rápido se for de metrô, neste horário a Paulista está um inferno. – Será que eu fui simpática demais? Eu pergunto a mim mesma.

- Isso é verdade, mas veja o lado bom, podemos conversar e tirar a má impressão!

- André, tá tudo bem, não há má impressão, não da minha parte! – Ok! Usar o sentimento de culpa a meu favor também é uma boa estratégia!

- Ok, me rendo! Há da minha parte. Por favor? Já sei! Vamos tomar um chopp e, quando o trânsito melhorar, eu te dou aquela carona.

- Lei seca? – Eu digo. Ele suspira.

- Puxa! Você não é fácil mesmo!!! – e sorri – É só um *happy hour* entre colegas que trabalharam até mais tarde numa sexta-feira! Provavelmente vamos encontrar o pessoal daqui! Que tal?

- Ok, ok! Vamos lá!

Ao chegar no barzinho de preferência da galera da agência, não encontramos ninguém. O bar é simples, mas também é estiloso e aconchegante. Com decoração rústica e iluminação pálida.

- Que tal aquela mesa ali no fundo?

- Ok, pode ser! – Na verdade pensei que não seria uma boa ideia, pois faz parecer que estávamos nos escondendo, mas fiquei sem graça de dizer isso e ele me achar pretensiosa.

- Deixe-me ajudá-la – Ele puxa a cadeira pra mim, depois se senta – Por favor, 2 chopps! – Ele diz ao garçom, depois olha pra mim e acrescenta: - Quer pedir algo mais? Ou outra coisa?

- Não, o chopp está ótimo! – E o silêncio domina o ambiente. Fico tentando pensar em algo para dizer, que preencha o silêncio constrangedor – Como foi a sua semana, André?

- Meio maluca, muito trabalho, muita cobrança, muita reflexão, o de sempre. Acho que para o atendimento não é muito diferente, às vezes pior? Embora vocês às vezes nos peçam algumas peças como se estivem pedindo um pastel: “carne com queijo, por favor”... ou “por que tá demorando tanto? É só um pastel!” – E dá aquele sorriso fofo e irresistível. O André é um dos diretores mais jovens da agência, além de talentoso e inteligente é extremamente lindo, alto com seus 1,90m. Olhos castanhos, cabelo castanho, corpo

definido, mas sem exageros e, claro, a clássica palidez de escritório, afinal, somos paulistanos e aqui geralmente não importa a cor, você é pálido! Sorrio.

- Como se vocês não fizessem o mesmo: “Por favor, precisamos cotar o preço deste material. Façam 3 cotações com amostras de cada fornecedor, preciso disso até às 15h!” Isso é trabalho de produtor gráfico, sabia? – Sorrio – Mas você tem razão. É isso! A rotina é difícil, tem que ser muito político e às vezes até se fazer de burra.

- Como assim? Qual foi a situação vexaminosa?

- Sabe o Cristiano da rede de farmácias do Rio? – Ele faz sim com a cabeça – Então, ele vive querendo marcar nossas reuniões de apresentação de campanhas ou mesmo de brienfing para sexta-feira, assim posso passar o fim de semana no Rio. Ele quer me mostrar a cidade. Pra fugir coloquei a culpa na agência, que não arcaria com os custos, e ele gentilmente me convidou para ficar hospedada na casa dele!

- Como você fugiu disso?

- Dei uma de louca! Falei que era uma ótima ideia porque minha tia adora o Rio e nunca mais foi, então, se economizássemos na estadia, eu poderia bancar sua passagem. E ela iria comigo.

- E por que você não disse simplesmente que tem um apartamento em Copacabana? - Silêncio

-...Como você sabe disso?

- Desculpe, Cris! Posso te chamar assim? Todo mundo sabe quem é o seu pai! – Mais silêncio.

- O Mauricio sabe quem é o meu pai?

- Acho que você sabe a resposta.

- Inferno! Ele tá sempre se metendo... desculpe! Nem sei como chegamos neste assunto.

- Assédio, estávamos falando sobre o assédio do Cristiano – Um sorriso maldoso brinca em seus lábios – É aquele cara meio gordinho e desajeitado, certo? – Seu sorriso aumenta. Ele está tentando aliviar a tensão e acaba conseguindo.

- É ele mesmo! Jesus! Não sei o que fiz pra merecer isso!

- Rótulos! Eles são uma merda! Todo mundo rotula que o atendimento das agências são feitos por vadias! Algumas são, mas tem mais a ver com a pessoa do que com a função.

- É, acho que está certo! Rótulos são uma merda! – E um novo silêncio se instalou, mas dessa vez não foi desagradável. Ao contrário, eu estava me sentindo à vontade com a companhia do André, o que era uma novidade. Tenho uma melhor amiga, mas ela casou. Então resolvi dar uma folga pra ela, nos vemos bem menos do que o habitual, no começo do seu casamento chegamos a nos afastar bastante, mas

acho que encontramos o equilíbrio. No quinto chopp eu me manifesto:

- Este é a “saideira”, André, pra alguém que vai dirigir você já bebeu demais. Deveria pegar um táxi.

- É! Tô pensando em fazer isso, mas tenho dó, porque vai dar uma boa grana daqui até em casa, mas tudo bem!

- Você é um diretor! Grana não é problema! Onde você mora?

- São Caetano do Sul.

- O quê? Cê é louco? Vai dar uma pequena fortuna! Deixa eu pensar... droga! Se eu não tivesse bebido...

- Você me levaria e então eu teria de trazê-la de volta, não ia dar certo.

- Já sei... – silêncio e desta vez constrangedor -...eu moro aqui perto. Podemos ir para lá, eu faço um café, uma janta, acho que vai ajudar a passar o efeito do álcool. Dando certo você vai embora, mas se perceber que não melhorou dorme lá em casa. Temos 2 quartos de hóspedes.

- Temos? Você é casada? – E procura minha mão esquerda que não está à vista.

- Não! Eu não sou casada, mas eu moro com meu pai – coro de vergonha – Sabe como é! Filha única, chantagem emocional, culpa... – cale-se, grito comigo

mesma. Por que estou falando isso? E principalmente, por que estou convidando este cara do trabalho para dormir na minha casa? Não somos amigos e é a primeira vez que trocamos mais que meia dúzia de palavras –...não sei por que disse isso... fique à vontade para recusar a oferta se não estiver a fim, não consegui pensar em mais nada – Fique quieta, grito de novo, cada hora parece mais que você está se oferecendo.

- Não, tudo bem, eu agradeço e aceito o convite. Seu pai não se importa que você leve... amigos para casa?

- Bem, eu não tenho o hábito de levar “amigos” para casa. Além do mais, ele não aparece por lá tem uns 10 ou 11 dias. Vamos?

- Sim, é claro!

Chegando em casa, percebo o carro do meu pai na garagem.

- Maravilha! Ele está em casa.

- Cristina, eu me viro, não quero arranjar problemas para você.

- Não seja bobo André, que problema você pode arranjar pra mim? Não sou uma adolescente inocente, pura e besta!

- Eu sei, jamais pensaria tal idiotice, mas pai é pai. Se vocês não se veem há tantos dias, certamente vão

querer matar a saudade sem a interferência de um estranho.

- Olha, não posso obrigá-lo a entrar, mas posso garantir que você não estará atrapalhando nenhuma confraternização!

Após hesitar, ele resolve entrar.

- Boa noite Doutor Ricardo, este é meu amigo, André – Meu pai avalia a bela espécime ao meu lado, o André é muito bonito, lembra o ator Keanu Reeves, até na palidez.

- Um amigo? Que surpresa! Nestes anos todos foram apenas você e a adorável Beatriz. Sabe rapaz, teve um momento em que até cheguei a pensar que elas eram mais do que amigas! – Um sorriso forçado.

- Claro que pensou! É difícil saber como é a relação de amigos, quando não se tem nenhum – devolvo ao meu pai.

- Bem, eu tinha uma melhor amiga... – Ele me fuzila com os olhos e essa eu perdi feio. Xeque-mate. Foi um golpe baixo. Em seguida se vira para André como se nada tivesse acontecido – Bom, foi um prazer conhecê-lo rapaz, Cristina, só vim buscar algumas trocas de roupas, tenho que voltar para Brasília, tenho alguns pacientes por lá e depois devo ir para um congresso em Los Angeles. Se precisar de algo, ligue para minha secretária, está bem? – Ele nem olha para

mim enquanto diz isso – Você me ouviu? – Agora sim ele me olha.

- Sim, eu ouvi... – E antes que eu fale qualquer coisa ele sai da cozinha deixando na bancada o seu copo de água, única prova de que a sua presença foi real e não um fruto da minha imaginação. André olha para mim.

- Uau! Me desculpe a indiscrição, mas o que foi isso aqui? – respiro fundo.

- Uma amostra do que é a minha vida.

Sirvo gelo, limão e agua com gás enquanto preparo o nosso jantar. Preparo um salmão grelhado acompanhado de suflê de couve flor e arroz integral. Simples, fácil e nutritivo. Como sobremesa sirvo o bolo de maçã quentinho no qual sou viciada com sorvete de creme.

- Nossa! Você sabe conquistar um homem pelo estômago!

- Sério? Preciso começar a usar meus super poderes, então. Como se sente?

- Quer que eu vá embora?

- Não é isso! Desculpe, se quiser ficar será um prazer. Vou adorar ter companhia para variar um pouco.

- Acho que em parte entendi porque você mora com seu pai. Você não mora de fato com ele. Quantas vezes você o vê por mês?

- Sei lá, umas 2 ou 3 vezes por mês. Às vezes mais, às vezes menos. Ele deve dormir em casa apenas 1 ou 2 vezes por ano, acho que já teve ano em que não dormiu, não sei. Geralmente quando ele vai dormir aqui eu não durmo.

- Desculpe a intromissão, mas por que você ainda mora, mesmo que em tese na mesma casa que ele?

- Ele não me deixa sair. Acredite, eu já tentei.

- Eu não entendo.

- É uma longa história e não gostaria de contá-la agora, talvez um dia... sinceramente, nem entendo como iniciei este assunto. Nunca falei sobre isso com ninguém, nem mesmo com a Beatriz, se bem que... não preciso falar nada, ela é minha amiga de infância, assistiu tudo desde o início, de camarote.

- Como assim?

- Nossas mães eram amigas, do estilo que faziam tudo juntas. Ficaram até gravidas num período próximo. A Bia é apenas 3 meses mais velha do que eu. – Silêncio.

- Ok, vou pôr minha curiosidade de lado, dá pra perceber que esse assunto é muito sério e te deixa muito triste. Hoje é sexta feira, não é dia de assuntos

pesados. Que tal um filmezinho. Vamos alugar algum online? Qual o gênero favorito?

- Humm! Todos! Depende do clima. – silêncio. Putz! Ele vai achar que estou lhe passando uma cantada. Eu e minha boca maldita!

- Nada de drama! Que tal uma comédia? – Ufa! Ele fingiu que não entendeu. Ótimo! Sorrio.

- Não sou muito fã de comédias.

- Há cerca de 15 segundos você disse que gostava de tudo!

- Ok, ok! Suspense!

- Suspense não ajuda ninguém a relaxar. Ao contrário. Talvez deixe qualquer um mais tenso ainda.

- Eu gosto! Posso? – Por que estou fazendo isso? Tipo, jogando charminho pra cima dele. Alguém me bate por favor!!!

- Claro! Mas o convidado sou eu, então acho que poderia escolher o filme.

- Tudo bem, pode ser.

- Que tal um clássico?

- Gênero?

- Como eu sou legal, que tal um suspense?

- Ah! Você é mesmo muito legal! Filme?

- "O Iluminado".

- Ok, fechou! Adoro esse filme e dá muito medo.

Nem percebemos a saída do meu pai que não se despede e isso não me surpreende. Então assistimos o filme acompanhado de pipoca amanteigada e guaraná. A certa altura da noite escutamos um barulho vindo da cozinha e o André dá um pulo.

- Será que alguém entrou na casa? Seu pai saiu pela cozinha, talvez não tenha trancado a porta.

- Não. São os meus gatos, com certeza.

- Aonde você vai? – Ele segura o meu braço.

- Vou à cozinha. Ver o estrago. É normal, não que todo gato faça isso, os meus fazem.

- Não, fique aqui, eu vou ver o que está acontecendo.

E eu espero, e nada do André, quando estou me levantando para ir atrás dele ele retorna, mas não está sozinho. Ele está acompanhado de 2 homens e eles estão armados. Prendo a respiração.

- Bela casa, vadia! Não esperávamos que estivesse trabalhando hoje. Cliente novo?

Fico muda, não consigo dizer nada. Preciso controlar o meu medo, se conseguir fazer isso existe uma boa chance de eu conseguir sair desta situação.

- A vagabunda se acha boa demais para responder a minha pergunta?

- Não. – Sai sufocado – Não! – Consigo desta vez – Por favor, não nos faça mal, leve tudo que quiser, nós vamos colaborar, sim?

- Está tentando negociar conosco, piranha? Deixe eu lhe mostrar quem manda aqui sua... – Estrelas. Vejo estrelas quando ele me bate e não consigo ouvir o novo adjetivo, provavelmente algo tão singelo e meigo quanto o vagabunda, vadia, piranha e sei lá mais o quê, a consciência retorna.

Estou caída, mas as atenções estão voltadas para o André, preciso aproveitar a oportunidade. Me arrasto até a mesa de centro, quando percebo que meu agressor vai me olhar congelo e torço para que ele não perceba a minha mudança de posição, ele volta a falar com André e pelos sons, sei que ele está sendo agredido. Levanto o corpo o suficiente para alcançar a mesinha, abro o fundo falso, tiro minha arma e disparo sem pestanejar. Um tiro na perna de cada um. Se eles tiverem sorte não vai matar, mas vai impossibilitar uma fuga. Então eu anuncio.

- Polícia internacional. Vocês estão presos!

Pela expressão no rosto do André, acho que ele está tão passado que esqueceu a dor. Seu rosto está machucado e quando penso nisso percebo o ardor no

meu próprio rosto. Maravilha! Vai inchar mais que um baiacu, como na propaganda de cerveja. Perfeito!

Algumas horas depois, junto com o delegado de polícia local, resolvo as burocracias e a questão está encerrada da forma mais discreta possível. Não posso chamar atenção para mim. Sou uma agente infiltrada e a minha vida é uma fachada, quer dizer, infelizmente apenas uma parte dela é fachada.

Vou até o André, que está sentado no sofá, olhando sem ver a cena no qual o filme foi pausado.

- André? Sinto muito. Você está bem?

-...Não! Na verdade, não.

- Você não deixou te examinarem, por favor, me deixa dar uma olhada nisso aí?

- O que aconteceu aqui hoje, Cristina? O que foi isso tudo? – Respiro fundo.

- Eu sinto muito! Me desculpe, não consegui impedir que você se ferisse. Não sei o que houve, não sou tão distraída, não sei como não percebi que se tratava de algo diferente do habitual.

- Como assim? Você sabia que seria vítima de um assalto? Você me usou como isca?

- Mas é claro que não! Eu não sabia que seria assaltada, como poderia saber?

- Você disse polícia internacional, você disse...

- Por favor! Nunca mais repita isso! Por favor! Estes bandidinhos escolheram a casa errada para assaltar. Ponto! Uma coisa não tem nada a ver com a outra. A polícia local me conhece porque tenho que fazer uso de recursos que são considerados ilícitos sem a autorização da justiça. Nós trabalhamos em parceria. Eu preciso da ajuda deles e vice-versa... agora, por favor, ponto final com este assunto. Não posso entrar em detalhe para não colocar em risco meu trabalho e a sua integridade, você entende isso?

- Ok, Cristina. Tô indo embora.

- Não! Por favor. Fica, não quero que você vá embora, não agora, não depois de toda essa merda. É estranho se eu te disser que sinto como se nos conhecêssemos há muito tempo?

- Seria estranho se eu lhe dissesse que sinto o mesmo?

Com essa senti um friozinho agradável descer pela espinha.

- Fico feliz em ouvir isso, André. Acho que nosso filme já era. Que tal se eu lhe mostrar o seu quarto? Quer beber algo antes? Algo forte? Ou um chá? Um leite quente?

- Leite quente? Parece o tipo de coisa que se oferece a crianças!

- Pois é! Eu adoro leite quente! Mas os adultos geralmente tomam chá, e eu detesto chá. Acredite, já tentei aprender a gostar, mas não rolou.

- Tá certo! Vou aceitar o leite quente porque eu também adoro!

E algo dentro de mim se aqueceu. Ah, droga! Tô ferrada!

Após o leite fui mostrar toda a casa ao André, algo bem rápido e ofereci o quarto que fica de frente para meu.

- Imagino que o quarto no final do corredor é o do seu pai?

- Exato! Embora acho que deveria ser o primeiro do corredor, já que ele entra e sai numa velocidade atômica, enfim. – Dou de ombros.

- Sabe Cris, você me deixa intrigado. Cada minuto ao seu lado e eu fico mais bobo.

- Intrigado? Bobo? – solto uma risada nervosa – Esperava que você dissesse que cada minuto que fica ao meu lado ficasse com mais medo de mim, ou talvez asno.

- Por que diz isso?

- Pense em tudo que você presenciou desde que me chamou para tomar um chopp? Talvez se você pudesse imaginar o tamanho da roubada que estava

se metendo, jamais teria me chamado. – Silêncio e bingo. Eu estava certa. Assustei o cara e não sei por que sinto uma dorzinha no peito ao constatar isso. Acho que estou meio carente!

- Na verdade Cris, eu estou pensando o quanto eu fui tolo em demorar tanto pra te chamar pra sair. Você tira forças sabe-se de onde para enfrentar 2 bandidos armados, para lidar com seu pai. Tô me sentindo pequenininho assim – ele mostra com o indicador e o polegar. – Você é demais!

Fico sem fala. Não sei o que dizer, tenho que lembrar a mim mesma que preciso respirar. Por favor! Alguém me traz aqueles 2 assaltantes de volta? É muito mais fácil lidar com eles do que com essa situação. E então o clima muda, a tensão palpável entre nós se torna constrangimento.

- Boa noite Cristina, quando estiver saindo eu tranco a porta e passo a chave por debaixo do portão, ok? – E sai querendo fugir. E eu fico lá, parada como uma idiota. Por que não disse nada? Eu sabia o que dizer, por que não disse? Inferno!

Entro no quarto, tiro minha roupa e fico só de calcinha e sutiã, acho minha camiseta preta do Harry Potter e coloco. Abro a porta deixando um vão, assim o Irineu e a Nair podem entrar se quiserem. Olho o relógio. São 3h10.

- Nada de pesadelos para você esta noite, o horário já passou. – digo em voz alta para mim mesma. Pois é! Tenho o hábito de falar sozinha. Loucura pouca é bobagem.

Algumas horas depois eu acordo, encharcada de suor, e um zumbido no ouvido, o som é indistinto até que percebo que se trata do meu choro, à medida que silêncio sinto novamente aquela sensação familiar de pânico e desamparo. Mas desta vez eu não estou sozinha:

- Tá tudo bem, Cris! Eu estou aqui com você! Tô bem aqui com você – Diz André enquanto me ampara. Não sei como fui parar em seu colo e ele me nina como se eu fosse uma criança. O mais constrangedor é que ao me conscientizar sobre cada um desses detalhes ao invés de me recompor eu passo a chorar ainda mais.

Quando consigo me recompor não consigo soltá-lo, fico ali, com a cabeça deitada em seu ombro e me sinto... em casa! Quando ele se move como que para me por novamente na cama, reajo instintivamente.

- Por favor, fique aqui comigo. Não vai embora, por favor!

- Não vou a lugar nenhum. Agora tenta dormir um pouco, estamos cansados, não vou a lugar algum e quando você acordar eu ainda estarei aqui.

- Obrigada! – E sinto meu corpo relaxar imediatamente. Pouco tempo depois, adormeço.

Quando acordo estou me sentindo sufocada, o André acabou deitando e me prendeu em seus braços e pernas. Me movi o mais lentamente possível para me libertar do abraço dele, quando finalmente consegui e pensei que poderia escapar de um momento constrangedor ouço a sua voz:

- Bom dia, Cris – E solta um bocejo – Conseguiu dormir bem?

- Hum, pra ser sincera sim. Dormi muito bem depois que você veio pra cá. Obrigada! – Ele sorri.

- Também dormi melhor depois que vim para cá.

- Eu te coloquei numa confusão dos diabos, lhe devo um café da manhã decente!

- Ah, não se preocupe, preciso pegar meu carro que ficou no estacionamento pra voltar para casa.

Silêncio.

- Bem, são o quê? 9h? Vamos lá! Hoje é sábado. Tome pelo menos um café antes de sair, vou descer para prepará-lo, se quiser tome um banho, na cômoda tem toalhas, é só pegar, ok?

- Feito! Vou tomar um banho então.

- Até daqui a pouco. – Ele sorri e meu coração acelera, AiMeuDeus! O que está acontecendo comigo? Quando lembro que estou apenas de camiseta quase morro de vergonha, volto para o quarto e ouço o

barulho de água caindo, ele está no chuveiro. Pego uma camiseta baby look branca e um short-saia jeans que adoro, uma par de tênis dourado e me troco rapidamente. Desço correndo para preparar o café, parando apenas um pouquinho para fazer carinho na Nair e no Irineu.

Quando estou terminando de pôr a mesa ele chega.

- Uau! Tá parecendo um café da manhã de hotel! – Sorrio.

- Pois é! Eu sempre ponho tudo na mesa, no geral, não como quase nada, mas gosto de ter todas as opções possíveis.

- Se você comesse tudo que põe na mesa, ficaria um bom tempo aqui!

- O café está pronto, mas se preferir tem espresso. Também tem sucos, chás, chocolate e leite. Sinta-se à vontade.

- Bolos?

- Sim, maçã e laranja.

- Parecem ótimos!

- Eu amo estes pães de frios!

- É assim todos os dias, então?

- Não! Esse é o abuso do fim de semana. Durante a semana eu escolho um item sempre acompanhado de

um copo de iogurte e o meu café com leite. E depois vou me matar na academia.

- Você faz de manhã? Eu prefiro à noite.

- Eu também!

- Não entendi!

- Preciso fazer academia de manhã. Bom! Vamos mudar de assunto? Não posso falar sobre isso, e não quero mentir para você! – Sem me dar conta do meu gesto, pego em sua mão – É estranho! Me sinto à vontade com você, como se pudesse dizer tudo! Mas a verdade é que eu não posso. É para o seu bem!

- Ok. – E depois disso comemos envolvidos por um silêncio agradável. De vez em quando fazendo algum comentário sobre a comida.

- Cris, foi ótimo. Muito obrigado! Mas agora preciso buscar o meu carro e ir para casa.

- Eu é que agradeço pela companhia. Desculpe por toda confusão. Espero que tenha um restinho de fim de semana melhor – Sorrio como quem pede desculpas.

- Você só pode estar brincando! O começo do meu fim de semana foi ótimo. Só dispensaria este hematoma.

E automaticamente levo a mão onde levei um tapa, AiMeuDeus! Nem me olhei no espelho hoje. Devo estar medonha. Que vergonha.

- Não se preocupe! Ficou um pouquinho escuro, mas não chegou a ficar roxo, e nem inchou!

- Espere até amanhã! Meu corpo tem efeito retardatário, assim como eu! Amanhã vou parecer um urso panda! – Ele sorri.

- Veja o lado bom: Como mulher você pode usar maquiagem para disfarçar. Eu é que não posso fazer uso deste recurso!

- Você pode sim... Ok! Você está certo!

- Nos vemos então na segunda-feira na agência, ok?

- Ok!

E ficamos ambos olhando um para o outro, como se estivéssemos aguardando que um dos dois crie coragem e diga algo mais. Sou a primeira a ceder.

- O que você vai fazer hoje?

- Nada de especial. Talvez ir ao cinema. Escolher um livro para ler. Algo relaxante.

- Boa ideia! Não te ajudei muito neste quesito. Acho que vou te plagiar. Vou na Livraria Cultura escolher um livro.

- Você gosta de ler?

- Eu amo! Sou totalmente viciada em livros. Tenho uma compulsão, não passo um mês sem comprar pelo menos um livro.

- Mas tem que ir na livraria? Não pode comprar um livro digital? Onde fica a sustentabilidade hein, mocinha?

- Hum! Nem todos os livros estão disponíveis no formato digital, além do mais, gosto do livro físico. Torna a história mais real, mais palpável!

- Sei! Se quiser, eu te espero e assim vamos juntos. A livraria fica perto da empresa, onde deixei o carro.

- Perfeito. Fique à vontade. Vou tomar um banho rapidinho.

Quando saímos e pegamos o metrô, percebemos que as pessoas ficavam nos encarando, e quando as olhávamos elas desviavam o olhar, até que vi nosso reflexo. Mesmo maquiada, era possível perceber que meu rosto estava machucado e o do André estava ainda pior que o meu. Não resisti e caí na risada.

- Percebeu que estão todos nos olhando?

- Pois é, não entendi até agora! – diz exacerbado. E eu viro seu rosto para o nosso reflexo no vidro.

- Olha o nosso reflexo.

- Deus! As pessoas devem achar que eu bati em você e depois levei uma surra por agredir uma mulher.

- Pois é! E eu não tenho lá muita vergonha na cara porque já estou aqui com você de novo! – Digo erguendo uma sobrancelha com ares de indignação.

- Ou podem pensar que fomos assaltados e levamos a maior surra.

- AiMeuDeus! O que vamos dizer na agência na segunda-feira? Nós dois machucados?

- Relaxa Cris, a gente diz que foi para o *happy hour* e na saída fomos assaltados.

- E como vamos explicar que você está mais machucado do que eu?

- Eu sou homem, eles tentaram ser mais persuasivos para que eu não reagisse.

- Pode ser! Mas não gosto e nem posso chamar a atenção pra mim. Não agora.

- Ei! Eu tô aqui! Posso te ajudar, já que não consegui fazer nada quando tudo aconteceu. Vou chamar a atenção pra mim, dizer que lutei com os caras, essas coisas que todo mundo quer ouvir, vão até esquecer da sua participação.

- Você me ajudou sim, viu? Se não fosse por você não sei o que poderia ter acontecido conosco. Você reagiu quando eles me bateram e foi essa distração que me proporcionou tempo suficiente para... rendê-los.

- Não foi grande coisa, ele te deu um soco e levou outro, mas aí os dois me pegaram.

- Foi loucura da sua parte! Eles estavam armados! Poderiam ter atirado em você. É o mais comum na

atualidade. Não são bandidinhos inexperientes. Eles sabiam o que estavam fazendo, senão teriam atirado em você.

- Por que você diz isso?

- Latrocínio: roubo seguido de morte. A pena é pesada. Principalmente se eles não forem réu primários e eu tenho certeza que não são. Você nos salvou, e isso poderia ter lhe custado a sua vida!

Ficamos em silêncio. Acho que ele está pensando no que acabei de dizer. Quando saímos do metrô ele decide me acompanhar até a livraria porque não vai até lá há algum tempo.

- Adoro este lugar, sabia? Esse clima, ninguém fica em cima de você e você pode pegar um livro e folhear, até ler um trecho. É demais. – digo.

- Também gosto! Acho que vou aproveitar para comprar um livro também.

- Muito me admira! Onde fica sua preocupação com a sustentabilidade, senhor André? – Ele revira os olhos.

- Há-há-há! Muito engraçada.

Passamos um tempo examinando títulos e lendo alguns trechos, separando uns livros para comprar.

- Nossa, já estou com fome! – Diz olhando o relógio em seu pulso – Cris, não acredito que já estamos aqui a tanto tempo!

- Que horas são?

- 15h!

- AiMeuDeus! Sério? Por isso que também estou ficando com fome. Quer comer em algum lugar aqui por perto? Ou prefere voltar para minha casa? Se quiser, a gente pega o seu carro e vamos para lá. Eu posso preparar algo pra nós. Depois você vai! Está aqui até agora mesmo!

- Acho que vou aceitar a sua proposta, sabia? Tem vários lugares que eu gosto de comer por aqui, mas a gente já come durante a semana inteira.

- Então vamos! – E me inundo de alegria, não sei por quê... quer dizer, finjo que não sei o motivo.

Chegando em casa resolvo fazer um churrasco na churrasqueira elétrica porque é mais rápido.

- Pra acompanhar vou servir um antepasto de berinjela, pães de alho picante, queijo coalho e arroz integral. Tudo bem?

- Tudo ótimo! Desse jeito não vou embora. Em casa eu teria comido pastel no café da manhã e agora almoçaria uma lasanha congelada ou um miojo. – Dou um sorriso.

- E depois se mataria na academia? Não é possível que alguém coma tanto carboidrato e consiga se manter em forma. Eu sei! O metabolismo do homem é diferente do nosso, mas ainda assim. Só carboidrato

em forma de alimentos nada saudáveis... o que foi? – Ele sorri maliciosamente.

- Manter a forma? Você acha que estou em forma? – O seu sorriso aumenta e eu fico roxa.

- Oras, André! Você deve se olhar no espelho com uma certa frequência. Entendeu o que eu quis dizer. Você tem um corpo atlético, do tipo que se cuida. Não parece o tipo de cara que come um monte de bobagem e passa todo o tempo livre tomando cerveja.

- E isto é ruim?

- Nada do que eu disse é ruim. Cada um tem o seu estilo de vida. Aquilo que se encaixa melhor com os seus gostos e objetivos.

- Então me diz uma coisa Cris, qual o seu mantra?

- Equilíbrio – Digo sem pensar – Em muitos momentos é uma utopia, mas tento viver com equilíbrio. Acho que o perigo mora nos excessos.

- Boa reflexão. Tem tido sorte?

- Humm... não! – ambos rimos – Que tal almoçarmos? Como você gosta da sua carne?

Após o almoço sentamos para conversar.

- Sou viciada em cafeína. Uma refeição não é uma refeição completa sem um cafezinho. Está servido?

- Sim, é claro. Mas... e os excessos? – E sorri